



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**LUCIANO FERREIRA CAVALCANTI**

**OS DESAFIOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO ENSINO  
MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL ADRIANO FEITOSA**

PRINCESA ISABEL - PB  
OUT/2014

LUCIANO FERREIRA CAVALCANTI

## **OS DESAFIOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL ADRIANO FEITOSA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado de Educação – PB, em cumprimento com concentração na Linha de Pesquisa. Linha de Pesquisa – **Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.**

Orientador: Ms. José Emerson Tavares de Macêdo

PRINCESA ISABEL - PB  
OUT/2014

C376d Cavalcanti, Luciano Ferreira  
Os desafios do ensino da geografia na Escola Estadual  
Adriano Feitosa [manuscrito] / Luciano Ferreira Cavalcanti. -  
2014.

55 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual  
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2014.

"Orientação: Profº. José Emerson Tavares de Macedo,  
Departamento da PROEAD".

1. Ensino da Geografia. 2. Formação de Professores. 3.  
Aprendizagem. I. Título.

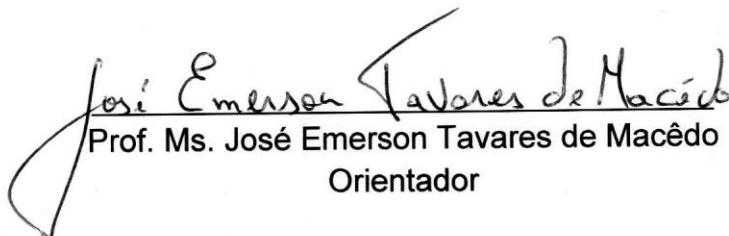
21. ed. CDD 372.891


LUCIANO FERREIRA CAVALCANTI

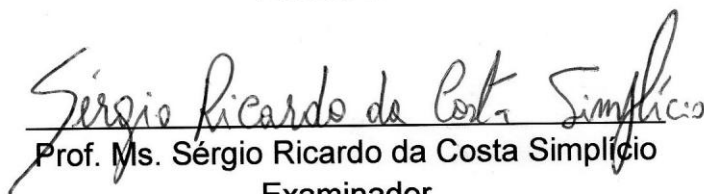
## OS DESAFIOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL ADRIANO FEITOSA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado de Educação – PB, em cumprimento com concentração na Linha de Pesquisa. Linha de Pesquisa – **Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.**

Aprovada em 18/10/2014

  
Prof. Ms. José Emerson Tavares de Macêdo  
Orientador

  
Prof. Dr. José Pereira da Silva  
Examinador

  
Prof. Ms. Sérgio Ricardo da Costa Simplicio  
Examinador

“Toda reforma interior e toda mudança para melhor dependem exclusivamente da aplicação do nosso próprio esforço”

(IMMANUEL KANT)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Maria Lúcia Ferreira Pinto Cavalcanti por toda educação na qual recebi, a sua dedicação como professora de Geografia a mais de trinta anos, o apoio e suporte para superar todas as adversidades que encontrei nesta caminhada. Como professor de Geografia, tenho como base os seus ensinamentos.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus por estar sempre presente em minha vida, onde tudo que foi realizado, através de sua presença, sendo fundamental para guiar os meus passos aos caminhos que devo seguir.

Agradeço a minha família pelo suporte para todos os momentos. Sendo meus pais as pessoas nas quais eu mais amo no mundo, minha noiva Daniela por estar do meu lado a anos e ser um presente de Deus, meu irmão José Gomes, exemplo de ser humano, representando de maneira ética toda nossa família.

Um agradecimento também a todos os professores da especialização que contribuíram para amplitude dos nossos saberes, em especial ao meu orientador José Emerson Tavares de Macêdo pela sua ótima orientação na elaboração deste trabalho monográfico.

As amizades proporcionadas no curso de especialização, ao mesmo tempo, a contribuição e trocas de conhecimentos e experiências em sala de aula em momentos de debates e discussões.

Ao diretor Valdir Lopes da Escola Adriano Feitosa, por permitir a realização da pesquisa na escola, a todos os alunos e aos professores de Geografia do Ensino Médio, que participaram como colaboradores deste trabalho.

Por fim agradeço a todos que me incentivaram a não desistir nunca com palavras de fé e otimismo.

## RESUMO

O presente trabalho é um estudo que aborda as dificuldades do ensino da geografia na relação professor e aluno da Escola Estadual Adriano Feitosa localizada no município de Tavares - PB. Esse trabalho visa compreender da origem dos estudos geográficos até os dias atuais, abordando os principais problemas apontados por professor e alunos. Entendemos que a importância social da Geografia é acentuada ao saber que cada sociedade, cada formação social gera um tipo de relação, de espaço. Ao decorrer da história observa-se uma evolução no campo da geografia se comparada com a ideia inicial, onde se torna necessário o desenvolvimento do campo de pesquisa a respeito do ensino de geografia para que seja ampliada a discussão dos fenômenos relativos à geografia escolar. Nos pautamos na utilização do método fenomenológico, pois esse consiste na descrição direta da experiência interpretada e compreendida para construção do conhecimento. O estudo realizado foi do tipo exploratório/descritivo com abordagem qualitativa, que teve como instrumento de coleta de dados questionários, contendo perguntas tanto abertas como fechadas, aplicadas com professores e alunos do ensino médio. O estudo também teve o suporte de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Entendemos que problemas de diversas ordens continuam dificultando a prática do ensino de Geografia na escola de educação básica: precárias condições de trabalho (falta de equipamentos e recursos materiais didáticos), baixos salários, carga horária excessiva, excesso de alunos por sala, entre outros. Por isso pretendemos analisar os principais problemas no que diz respeito ao ensino da geografia no ensino médio da Escola estadual Adriano Feitosa – PB.

**Palavras-chave:** Desafios. Ensino da geografia. Novas metodologias.



## ABSTRACT

The present work is a study that addresses the challenges of teaching geography in the teacher and student of Adriano Feitosa State School located in the city of Tavares - PB. This work aims to understand the origin of geographical studies to the present day, addressing the main problems cited by teachers and students. We understand the importance of social geography is marked to learn that each society, each social formation generates a kind of relationship of space. The course of history there has been a trend in the field of geography compared with the initial idea, where it becomes necessary to develop the field of research on the teaching of geography to the discussion of the phenomena related to school geography is enlarged. Have guided us in the use of the phenomenological method, because this is the direct description of experience interpreted and understood to knowledge construction. The study was exploratory / descriptive qualitative approach, which had as an instrument of data collection questionnaires containing both open and closed questions, applied with teachers and high school students. The study also was supported by a literature search on the topic in question. We understand that problems of varying still hindering the practice of teaching geography in elementary school institutions: poor working conditions (lack of equipment and materials resources), low wages, excessive working hours, excessive class size, among others. So we intend to analyze the main problems with regard to the teaching of geography in secondary education from the state School Adriano Feitosa - PB.

**Keywords:** Challenges. Teaching of geography. New methodologies.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO E GRÁFICOS

<b>IMAGEM 01</b> .....	36
<b>GRÁFICO 01</b> .....	38
<b>GRÁFICO 02</b> .....	38
<b>GRÁFICO 03</b> .....	39
<b>GRÁFICO 04</b> .....	40
<b>GRÁFICO 05</b> .....	42

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. HISTORICIZANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA.....</b>	<b>14</b>
1.1 O ensino da Geografia no Brasil.....	18
<b>2. OS DESAFIOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO COTIDIANO ESCOLAR.....</b>	<b>22</b>
2.1 A formação e o trabalho do professor de geografia.....	27
2.2 Novos recursos metodológicos para o ensino da geografia.....	31
<b>3. OS DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL ADRIANO FEITOSA.....</b>	<b>35</b>
3.1 Caracterização do Município de Tavares – PB.....	35
3.2 Apresentação da Escola.....	35
3.3 A visão dos alunos da Escola Adriano Feitosa em relação ao ensino da Geografia.....	37
3.4 A visão dos professores de Geografia do Ensino Médio da Escola Estadual Adriano Feitosa.....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de nossa percepção enquanto docente, ao depararmos com os desafios do ensino da geografia, as dificuldades que professores e alunos enfrentam no dia-a-dia escolar, onde o professor tem a missão de elaborar, desenvolver e avaliar suas práticas pedagógicas no sentido, de refletir sobre seus conhecimentos e o uso das metodologias utilizadas em sala de aula.

Nesse sentido, o nosso estudo esta em consonância com a linha de pesquisa da Especialização Fundamentos da Educação – Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas, quando buscamos tratar dos seus sujeitos e suas práticas, promovendo um debate entre: prática docente, educação, processo de ensino/aprendizagem em torno das tecnologias no cotidiano da escola, o uso de recursos comunicacionais (vídeo, áudio e texto) e computacionais aplicados à educação.

De acordo com Santos (1978) a cada dia o conhecimento amplia-se e diversifica-se, o aprendizado está em constante transformação, como por exemplo, conceituar o espaço ou território, os estudos geográficos não são fixos, permite mudanças a todo tempo, historicamente debatidos e transformados com diferentes significados, objetivando a construção no processo do exercício.

Alguns desses conceitos de ordem antiga ou recente quando estudados no âmbito escolar, tem como fundamentação construir cidadãos capazes de observar e analisar durante o seu período escolar várias informações, cada estudante entra em contato com um grande volume de conhecimentos a respeito do espaço geográfico brasileiro e mundial.

É de extrema necessidade repensar nossas práticas educativas no contexto escolar, pois diversos recursos pedagógicos podem ser utilizados para melhoria no sistema educacional, onde os professores devem avaliar suas práticas pedagógicas para aprimoramento do seu próprio conhecimento, onde é repassado aos alunos de maneira construtiva e eficaz.

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do

conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico.

De tal modo, procura-se sempre promover o entretenimento do aluno diante da disciplina de geografia, fazendo com que a mesma esteja entre suas disciplinas de melhor aproveitamento na grade curricular, estimulando assim o interesse do aluno por este componente curricular.

Neste entendimento, o nosso estudo tem por objetivo, discutir a utilização das novas tecnologias no ensino da geografia. Analisando as metodologias aplicadas, utilizadas por professores de geografia na escola Estadual Adriano Feitosa.

O uso de recursos tecnológicos, tais como: aparelhos de reprodução de som e imagens (televisores, DVDs, computadores, data show, entre outros), oferecem aos professores formas de aprimorar o conteúdo exposto em sala de aula, ou seja, os recursos audiovisuais não deverão ser utilizados de forma exclusiva, mas sim como complemento às suas aulas.

Esse tipo de auxílio pedagógico estimula o aluno a pesquisar sobre o tema estudado em sala de aula. O ensino da teoria, muitas vezes se transforma em algo que os alunos não terão fascínio por aprender; já a utilização dos recursos audiovisuais fará com que os alunos sintam vontade de ir buscar mais informações sobre o assunto.

No primeiro capítulo vem ressaltar um breve histórico sobre o ensino de Geografia, a importância do pensamento geográfico para construção do conhecimento, descrevendo as principais características, complexidade e representações da origem geográfica. Diante desse estudo, o segundo capítulo relata o desenvolvimento do ensino da Geografia no Brasil, o processo da disciplina no território brasileiro, os principais geógrafos brasileiros que contribuíram para instalação da disciplina no Brasil, suas inspirações nas escolas européias para fundamentação desse estudo.

Todos esses levantamentos por meio de pesquisas bibliográficas, propondo uma reflexão do estudo da Geografia através dos achados bibliográficos, as informações coletadas através de questionários retrata os resultados obtidos durante a pesquisa, a análise dos professores e alunos diante das dificuldades encontradas, tornando o estudo do tipo exploratório/descritivo com abordagem qualitativa.

Entendemos que a escola é um espaço onde deve-se oportunizar aos alunos e professores mecanismos para obter um desenvolvimento satisfatório, esses melhoramentos parte de uma capacitação eficaz, na busca para o interesse do alunado e satisfação em compreender os assuntos abordados, os investimentos nos quais são fundamentais para ajuda nesse processo educacional. Visto que, deve-se procurar esses novos recursos para o aprimoramento dos conteúdos a serem trabalhados diariamente.

## CAPÍTULO 1

### 1. HISTORICIZANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA

A origem do estudo geográfico representa os caminhos nos quais esse campo do conhecimento se desenvolveu ao longo da história, analisando esses pensamentos geográficos, tendo como base científica para compreender suas respectivas características.

As características do pensamento geográfico eram descrever os acidentes e os fenômenos geográficos das paisagens. Para o geógrafo antigo, bastava observar e registrar as características da paisagem estudada, dando nomes aos acidentes geográficos, assimilar uma extensa nomenclatura, um determinado acidente geográfico, estudado por mais de uma pessoa, poderia ficar conhecido por nomes diferentes, saber geografia era viajar muito e conhecer nomes e acidentes geográficos, era uma simples geografia dos viajantes.

O estudo da geografia ao longo de sua história vem se mostrando um desafio constante para análise do seu desenvolvimento como disciplina, vários estudiosos analisam a sua complexidade, bem como a sua importância. Desse modo, as relações homem-natureza, as representações cartográficas, os relatos de viagem e a descrição regional são formas de pensamento geográfico que acompanham a humanidade desde as civilizações clássicas do Egito, da Grécia e do Império Romano.

O astrônomo e matemático Cláudio Ptolomeu costuma ser apontado como fundador da abordagem cartográfica e matemática no estudo da superfície terrestre, enquanto o historiador, filósofo e geógrafo Estrabão é valorizado pelos seus estudos históricos de diferenciação regional. O antigo mundo romano em bem pouco contribuiu para a geografia e a Idade Média constituiu-se, devido à força da interpretação religiosa, em retrocesso e estagnação do pensamento geográfico.

O renascimento da geografia ocorreu nos séculos XV e XVI, graças às descobertas de novas terras, principalmente das Américas, expandindo o horizonte geográfico. No século XVII, os progressos da Física, da Astronomia e da Matemática embasaram a geografia física, Galileu Galilei inventou a luneta astronômica e o termômetro, Johannes Kepler descobriu e enunciou as leis da mecânica celeste,

Blaise Pascal realizou observações sobre a pressão atmosférica, Evangelista Torricelli construiu o barômetro e Isaac Newton estudou a atração universal e o achatamento polar. (SALES, 1983)

De acordo com Sales (1983) esses progressos estenderam-se pelo século XVIII, com o telescópio de William Herschel, a Teoria Cosmogônica de Laplace, os termômetros de Fahrenheit e de Réaumur e o estudo dos elementos do ar, realizado por Lavoisier. A contribuição dos grandes naturalistas fez surgir a Biogeografia. Desde suas origens até o século XVIII a geografia conservou seu caráter descritivo, sem que fosse organizada, proposta e reconhecida como ciência, era a geografia Antiga ou dos viajantes, que ainda sobrevivia sem leis e princípios de natureza científica.

Essa geografia essencialmente descritiva permaneceu até o século XVIII, foi somente no século XIX, com as grandes transformações no método e na proposta de estudo, que a geografia tornou-se uma ciência.

Segundo Menezes et al (2009) a ciência geográfica se desenvolve a princípio de maneira lenta e tardia na visão de alguns autores, vindo a constituir-se enquanto ciência mais especificamente no século XIX, no entanto desde a antiguidade, estudos geográficos já eram desenvolvidos, surgindo na Antiga Grécia como ponto precursor do estudo da geografia. Para Camargo e Reis Júnior (2007):

[...] somente nos meados do século XIX, na Alemanha, com A. von Humboldt, K. Ritter e F. Ratzel, que ela passou a ter status de ciência, sendo, a partir dessa época, ensinada e praticada nas universidades. Formou-se então uma corrente de pensamento no seio da geografia que ficou conhecida como “escola alemã”, cuja característica central era o fato de ser iminentemente determinista e naturalista (CAMARGO; REIS JÚNIOR, 2007, p. 83)

Na França o desenvolvimento geográfico apoiado a ideia do determinismo ambiental, onde o homem é introduzido nas discussões, porém é visto como uma espécie animal que busca se adaptar e controlar o meio natural surge outro paradigma o possibilismo. “A visão possibilista focaliza as relações entre o homem e o meio natural, mas não o faz considerando a natureza determinante do comportamento humano” (CORRÊA, p.17, 2003).

O francês Vidal de La Blache foi o grande expoente do possibilíssimo. Segundo Moraes (1983, p. 26), o geógrafo francês definiu “o objeto da geografia como a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem. O homem deve ser



compreendido como ser ativo que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando”.

A elaboração de representações e discursos sobre o espaço não é monopólio da geografia acadêmica, e sim uma atividade que se realiza em qualquer época e em todos os campos da cultura, já que toda sociedade necessita conhecer o espaço em que habita para controlá-lo e para dele extrair os recursos com os quais produz sua cultura.

A geografia nada mais é do que um discurso constituído historicamente, institucionalizado e caracterizado por uma sistematização de tipo científica. Onde, o próprio conteúdo atribuído à disciplina de geografia varia ao longo do tempo, bem como entre autores de uma mesma época e lugar.

Até pouco tempo atrás, talvez ocorrendo em alguns lugares ainda hoje, os geógrafos, profissionais ou professores, que não apreciavam as discussões da geografia crítica, eram tratados como “geógrafos do mal”. Geógrafos que ao invés de teorizar sobre a ciência preferiam tratar de questões mais pragmáticas, muitas vezes contribuindo no desenvolvimento social e econômico dos seus países, subdesenvolvidos ou não, através de sua contribuição nos estudos ambientais e no planejamento territorial, ou seja, o campo de estudo começa a ser analisado de maneira concreta no desenvolvimento socioeconômico e natural.

Para Godoy (2010) a história do pensamento geográfico consiste em um campo de discussões teóricas, filosóficas, institucionais, epistemológicas e metodológicas. Embora sua relevância seja reconhecida entre os geógrafos, existem poucos estudos dedicados aos problemas enfrentados pela geografia em sua trajetória científica, histórica e social.

Nessa relação complexa entre o tempo, o espaço e o homem, a geografia se organiza de modo a trazer reflexão sobre o desenvolvimento das sociedades, conduzindo pensamentos sobre as relações humanas, suas técnicas e correlações ao espaço humano e natural, os desafios encontrados, as possibilidades e limites impostos para este campo de estudo.

Isso quer dizer que, ao contrário das ciências que estudam conjuntos específicos de fenômenos, tais como a física, a geografia buscava revelar a lógica que articula um vasto conjunto de fenômenos naturais e sociais num todo coerente, em escala global e regional.

A construção da Ciência Geográfica fez-se através de crises e da aglutinação de várias ideias e reflexões, muitas vezes ambíguas e contraditórias, a respeito de objetivos e métodos, mas que, no entanto serviram para dar unidade a esta ciência. A difusão das diversas correntes de pensamento geográfico, influenciou intensamente a Geografia Escolar, devendo-se salientar principalmente a Geografia Tradicional, que imprimiu características até hoje notáveis nas práticas pedagógicas escolares.

A crise da Geografia que se iniciou na metade do século XX e levou os geógrafos a formularem críticas em relação à Geografia construída até então, permitiu traçar novos caminhos metodológicos que atendessem as necessidades impostas pela nova realidade social. Esta crise, além de ter introduzido um pensamento crítico à Geografia Tradicional, também alargou seus horizontes de interesse na busca de novos paradigmas. Segundo Moraes (1997, p.94):

O planejamento econômico estava estabelecido como uma arma de intervenção do Estado. E, com ele, o planejamento territorial, com a proposta de ação deliberada na organização do espaço. A realidade do planejamento colocava uma nova função para as ciências humanas: a necessidade de gerar um instrumental de intervenção, enfim uma feição mais tecnológica. O espaço terrestre se globalizara nos fluxos e nas relações econômicas. Vivia-se o capitalismo das empresas multinacionais, dos transportes e das comunicações interoceânicas. A realidade local era apenas o elo de uma cadeia, que articulava todo o planeta.

As últimas décadas têm sido marcadas por intensos debates no pensamento filosófico e científico em decorrência de transformações, também intensas, no mundo e na organização das sociedades. As diversas áreas científicas, especialmente as ciências humanas, têm efetuado reflexões e análises para compreender os processos de mudanças e seus desdobramentos.

Anuncia-se, nesta virada do século, uma nova era. Termos como sociedade pós-industrial, sociedade pós-capitalista, sociedade pós-moderna, revolução informacional, terceira revolução industrial, revolução tecnocientífica, sociedade informática tem sido utilizados para denominar os fenômenos socioeconômicos, culturais e políticos que tem caracterizado a sociedade contemporânea.

A Geografia, como ciência social, está diretamente implicada nessas transformações. Já no início dos anos 90, o discurso que ficou conhecido como o rótulo de geografia crítica, onde contesta as chamadas geografias Tradicionais e Quantitativas.

Numa tentativa de unificar a Geografia e a História, surge a disciplina escolar Estudos Sociais nos Estados Unidos, com o desenvolvimento da Sociologia. O objetivo era adaptar a sociedade após a crise de 1929. Apesar de alguns autores desejarem a continuação dos Estudos Sociais, não havia uma produção científica para se ter base para chamá-la de Ciência.

Bernardo Issler explica que o precursor dos Estudos Sociais para o Brasil, Anísio Teixeira, publicou “em 1934, um programa de “Ciências Sociais” para a escola elementar”. (ISSLER, 1973, p.209). Seria a origem dos Estudos Sociais no Brasil. Mesmo com esforço para permanecer, era uma disciplina nova, sem uma metodologia própria. Na década de 1970 havia um guia para orientar o ensino dos Estudos Sociais. Essa disciplina não perdurou, e continuamos com a Geografia e a História sendo ensinadas nas escolas.

### 1.1 O ensino da geografia no Brasil

No Brasil, a produção geográfica no período colonial esteve muito restrita. A metrópole proibia qualquer tipo de manifestação científica, manufatureira ou comercial que pudesse ir de contra os interesses mercantilistas da metrópole, que via na colônia, uma mera fornecedora de matérias-primas.

Contudo, não havia integração nacional. Os sucessivos ciclos econômicos trouxeram apenas benefícios locais, restritos, não tendo o país ainda o sentido de unidade, de identidade nacional. Esse país fragmentado e desconhecido de seus habitantes foi à tônica que imperou até 1930, quando era governado por elites agrárias que só visavam seus próprios interesses.

Na Era Vargas, em 1930, o Brasil ainda permanecia com o caráter agrário, porém já havia indícios de industrialização é nesse contexto que, em 1934, é fundada a Universidade de São Paulo, inclusive com os cursos de Geografia e História. O governo Vargas iria se utilizar do conhecimento geográfico para fazer um levantamento do potencial do país, visando principalmente à expansão do sistema capitalista industrial.

A Geografia seria de grande importância para as políticas de planejamento que buscavam integrar o país. Os geógrafos, principalmente nas décadas de 40 e 50, desempenharam grande papel. Muitos geógrafos da Escola Francesa,

predominante até então, vieram para o Brasil, como Pierre Mombeig, Pierre Deffontaines e outros.

Além da Escola Francesa de Geografia, predominantes no país até a década de 60, surgiram dentro da ciência geográfica novos paradigmas que viam no tradicionalismo e regionalismo francês um modelo ultrapassado. Surge então, uma Geografia denominada Teorética-Quantitativa, que recebe influências do neopositivismo e da Teoria Geral dos Sistemas. Dois grandes centros divulgadores dessa nova corrente foram o Rio de Janeiro (IBGE) e Rio Claro (antiga Faculdade de Ciências e Letras, hoje Unesp).

Posteriormente, ocorre à ascensão de uma geografia ligada a questões sociais, de espaços desiguais, dos sistemas econômicos, resultado da luta de classes é a Geografia Crítica ou Radical, surgida como resposta à Geografia Quantitativa. Diz Moreira (1994, p.36) que

numa sociedade estruturada em classes, a exemplo da sociedade capitalista, o espaço tem por conteúdo as relações contraditórias dessas classes. Na França, geógrafos como Pierre George e Yves Lacoste tiveram grande participação, principalmente na década de 60 e 70, com a divisão do mundo em sistemas capitalista e socialista.

Alguns autores como Delgado de Carvalho e Aroldo de Azevedo tiveram grande participação no desenvolvimento da Geografia Escolar no percurso do século XX. O foco principal era discutir as mudanças na maneira como se dava a prática do seu ensino. Era um ensino voltado para o patriotismo, pois se destacavam nas aulas as características belas do país, e as dificuldades enfrentadas pela população eram esquecidas, como fome, miséria, violência e corrupção.

Em termos institucionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (LDBEN) realça a importância e normatização da educação básica no Brasil. Em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais tiveram seu processo de elaboração iniciado a partir do estudo de propostas curriculares de Estados e Municípios brasileiros, da análise realizada pela Fundação Carlos Chagas sobre os currículos oficiais e do contato com informações relativas à experiência de outros países.

Foram analisados subsídios oriundos do Plano Decenal de Educação, de pesquisas nacionais e internacionais, dados estatísticos sobre desempenho de alunos do ensino fundamental, bem como experiências de sala de aula

difundidas em encontros, seminários e publicações (BRASIL, PCN, 1997, p. 15).

No Brasil, o grande nome da Geografia Crítica é Milton Santos, geógrafo baiano já falecido, que, após sua volta do exílio, em 1980, foi um grande divulgador e produtor da geografia crítica. Milton Santos vem retratar nos estudos sociais as disparidades existentes, ao mesmo tempo tornando a ampliação desta área do conhecimento.

Essas razões históricas próprias da dimensão territorial brasileira e sua complexidade, uma formação geográfica distinta e que, progressivamente, tomou um rumo comprometido com o território e suas relações específicas e relacionais com o espaço mundial, vem retratar a Geografia brasileira de maneira a assumir sua própria identidade desde o início do século XX, com acentuação nas últimas décadas desse século e no século atual.

Na década de 1970, porém, as tensões políticas forçaram a produção de um olhar científico para a realidade brasileira mais específica, e isso se materializou nas obras de Milton Santos, que se tornou paradigmática e definitiva para se entender o pensamento geográfico brasileiro.

Em *Por uma geografia nova* (1978), o conceito de espaço é central e compreendido como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e manifestam-se através de processos e funções. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. (SANTOS, p.122).

Antes dele, Josué de Castro, na década de 50, com suas obras *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*, foi outro grande geógrafo brasileiro. Outras correntes também surgiram dentro da ciência geográfica como a Geografia Humanista ou da Percepção, a Geografia Têmporo Espacial e a Geografia ligada à ecologia.

É possível falar de uma Geografia brasileira porque a sua institucionalização passou também pela criação de inúmeras universidades espalhadas pelo Brasil. A maioria dos corpos docentes surgiu da Universidade de São Paulo e, de lá, foi se disseminando por todo o país por meio da formação de pessoas, nos níveis de mestrado e doutorado que, de volta às suas unidades universitárias, foram produzindo, modificando e disseminando conhecimentos que passaram a ter

características próprias. Por isso, criaram-se novos corpos críticos no Sul, Nordeste, Sudeste e em outras partes do Brasil que elaboraram importantes estudos para a compreensão das questões nacionais em todas as escalas.

O papel da Geografia no ambiente escolar no início do século XIX e princípios do XX, cabia à Geografia Escolar fosse em nosso país ou na Europa, contribuir para a construção da nacionalidade. Nessa perspectiva, a disciplina apresentava um forte caráter patriótico. O qual, durante um longo período, teve como papel incutir nas novas gerações a ideologia do nacionalismo patriótico. Evidentemente que a função patriótica da Geografia foi desempenhada em contextos históricos concretos, específicos, inteiramente associados ao processo de formação dos Estados Nacionais.

Segundo Manuel Correia de Andrade (1987, p.31), a Geografia “é a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza e como o espaço geográfico se organiza”. A importância social da Geografia é acentuada ao se saber que cada sociedade, cada formação social gera um tipo de relação, de espaço. Ao decorrer da história observa-se uma evolução no campo da geografia se comparada com a ideia inicial, onde se torna necessário o desenvolvimento do campo de pesquisa a respeito do ensino de geografia para que seja ampliada a discussão dos fenômenos relativos à geografia escolar.

Neste sentido, entendendo a origem do pensamento geográfico podemos observar as dificuldades ocorridas desde o princípio até os dias atuais, na busca pela constante melhoria que esse campo científico nos proporciona. Conhecer a origem dos estudos geográficos torna-se fundamental para associarmos com a geografia atual, desenvolvendo através de pesquisas, melhorias para um melhor aprimoramento em sala de aula.

## 2. OS DESAFIOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO COTIDIANO ESCOLAR

A Geografia escolar ao longo de sua trajetória componente curricular da educação formal “sempre apresentou um quadro marcado pela dificuldade de legitimação consolidação de seus princípios educacionais, delineando a chamada crise da geografia escolar” (BRABANT, 2001, p.20).

A origem dessa situação está associada à natureza da Geografia enquanto matéria de ensino das escolas oficiais e às transformações ocorridas no âmbito da instituição escolar, provocadas pelas mudanças no modo de produção e reprodução do capital, o que gerou a “crise da escola”. Assim, “a geografia torna-se vítima de um duplo processo de crise ligada ao seu conteúdo e ao seu lugar na instituição escolar em via de reestruturação” (Idem, 2001, p. 21).

Enquanto instituição social, a escola sempre é convocada a se adaptar e incorporar as novas demandas sociais de seu tempo, transformando e redefinindo seus princípios e objetivos educacionais. Nas sociedades do capital, diante da complexidade das mudanças impostas às escolas, esse momento de transformação e redefinição de seus princípios e objetivos educacionais provocou uma crise que coloca em evidência as contradições do modelo capitalista liberal de reprodução social em relação à educação escolar.

Para Vesentini (2001) a crise da Geografia escolar diz respeito, basicamente, à finalidade do ensino dessa matéria na escola oficial, ou seja, ao papel da Geografia na educação/formação da sociedade. Desde sua gênese como disciplina escolar, a Geografia desempenhou uma função ideológica associada à constituição da nacionalidade dos grandes estados. Nesse sentido, a função primordial da Geografia escolar é difundir uma ideologia patriótica e nacionalista, com o fim de provocar a ideia de que a forma Estado nação é natural e eterna, apagar da memória coletiva as formas anteriores de organização espacial das sociedades, enaltecer o nosso Estado Nação.

Desde o início do século XX, encontramos obras que destacam a qualidade, não apenas a quantidade de informações no processo de ensino e aprendizagem desta disciplina escolar. Isso vem apresentar que as preocupações com a qualidade do ensino de Geografia não é nenhuma novidade. Muitos estudiosos tem se

debruçado em demonstrar como essa disciplina escolar poderia ser aplicada nas aulas.

Muitos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante isso é um elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nomes de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nesta primeira década do século XXI, a Geografia, mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões. Ela preocupa-se com as inquietações do mundo atual, buscando compreender a complexidade da forma como ocorre a ordem e a desordem no planeta. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos.

Por outro lado, a linguagem geográfica apresenta características que precisam ser consideradas, tanto quanto possível, como fonte de explicação para as dificuldades que os alunos possam vir a ter na sua compreensão, como para planejar movimentos pedagógicos que facilitem o processo interativo. Nesse sentido, o objetivo é focar experiências pedagógicas que procurem oferecer oportunidades de significativo para alunos que, muitas vezes, são socialmente desacreditados e que desacreditam no possível papel social da escola.

Sabemos que o sujeito traz consigo uma carga de experiências e de conhecimentos sistematizados ou não, realidades vividas muitas vezes impossíveis de serem representadas pelos professores. No entanto, acredita-se que tais vivências devam ser aproveitadas, problematizadas e textualizadas, buscando-se, assim, a inserção da vida na escola, tornando a escola, efetivamente, integrada à vida.

O objetivo da Geografia continua sendo o espaço geográfico. Ele é um produto histórico e, por consequência, também deve ter um conteúdo histórico. Deve ser entendido como o conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações, que mostra as práticas sociais dos diferentes grupos que nele interagem, produzem, sonham, lutam, desejam, vivem e o (re) constroem.

Nessa entendimento é preciso repensar nossas práticas educativas, principalmente em relação aos recursos pedagógicos para o ensino dessa disciplina. Além disso, consideramos adequado refletir sobre a formação de professores frente a esse novo contexto, a responsabilidade dos órgãos governamentais na



capacitação e formação dos professores, compreendendo a falta de estímulo dos alunos frente a esta disciplina.

O ensino fundamental e o médio devem ser, acima de tudo, desafiadores, capazes de despertar o interesse dos alunos para a resolução dos problemas que a vida apresenta. Hoje, na chamada pós-modernidade, a escola deve proporcionar os caminhos necessários para que os sujeitos/alunos possam compreender o cotidiano, desenvolvendo e aplicando competências.

Para que essa mudança ocorra, os professores e a instituição da escola, na sua complexidade, devem estar comprometidos com o que chamamos de “fazer sociedade com cidadania”. A escola deve provocar o educando para conhecer e conquistar o seu lugar no mundo em uma teia de justiça social. Parece ser simples, mas é, no mínimo, desafiador, como toda prática pedagógica. Os educadores podem ser responsabilizados pelas dificuldades em desenvolver os conteúdos a serem trabalhados no cotidiano escolar, infelizmente na maioria das vezes pela falta de comprometimento com a função a que lhe foi concedido.

O professor que atua no dia a dia em sala de aula está preocupado em dar sequência ao trabalho escolar sem a quebra da continuidade. Nesse sentido, os educadores devem utilizar instrumentos, métodos e processos que facilitem a aprendizagem dos alunos e os ajude. Esse trabalho docente sem maiores preocupações com os fundamentos da educação causa danos no processo de ensino e aprendizagem, tornando os conteúdos na maioria das vezes menos atrativos.

O professor nessa perspectiva deve ser um condutor de mentes que exploram o mundo. Paulo Freire, educador católico, está voltado para a educação dialógica, baseada no respeito à experiência do aluno. Antes da ciência e antes do formal há a experiência de vida das pessoas, a inserção das pessoas num mundo injusto, desigual e desumano. Antes, porém, de apreender a aprendizagem da escola é preciso reconhecer e utilizar a aprendizagem da vida, fazer a “leitura do mundo” antes da “leitura da palavra”.

Se qualidade de ensino é aluno aprendendo, é preciso que ele saiba disso: é preciso “combinar” com ele, envolvê-lo como protagonista de qualquer mudança educacional. O fracasso de muitos projetos educacionais está no fato de eles desconhecerem a participação dos alunos. O aluno aprende quando o professor

aprende, ambos aprendem quando pesquisam. Como diz Paulo Freire (1997), “faz parte da natureza da prática docente indagação, a busca, a pesquisa”.

O geógrafo é então, um cientista que através do mergulho na paisagem que vê e vive, explica o mundo no que ele é. Isso faz da linguagem da geografia uma linguagem por excelência colada justamente a esse dado real do mundo que é a paisagem geográfica. Em suma, a metodologia da Geografia é a leitura do mundo através da paisagem.

O estudo da Geografia pode ser trabalhado através de diferentes métodos, um das possibilidades possível é o uso das imagens, onde o professor deve recorrer ao uso de diversas linguagens como forma de motivar os alunos na busca de diversas interpretações acerca dos fenômenos estudados. Nesse sentido, reconhecemos que a linguagem cartográfica tem no mapa uma das formas de representação mais utilizadas no ensino de Geografia, pois essa forma de representação, por meio de um conjunto de signos, permite uma percepção imediata do espaço representado. A despeito disso Oliveira (2005, p. 31) afirma que:

Como se vale de uma linguagem visual, a cartografia apresenta a propriedade de ser um sistema espacial, de percepção instantânea. Quando se olha para um mapa, o que chama a atenção primeiramente é a imagem formada pelo conjunto de signos: cores, formas, texturas, tonalidades. Difere, portanto, da linguagem sonora, em que o conjunto dos signos só é apreendido linearmente: as letras formam sílabas, que formam palavras, que formam frases, que formam orações e assim por diante. A mensagem é completada apenas ao final desse encadeamento.

É fato que a maior parcela de responsabilidade é colocada sobre as costas dos professores, pois são detentores do conhecimento e encarregados de repassá-los de forma eficaz aos educandos, para assim obter o rendimento esperado ao fim de um ano letivo. De tal forma espera-se que os professores utilizem da mais diversificada metodologia possível, para assim chamar atenção do aluno e provocar no mesmo interesse pela disciplina, despertar nele a necessidade de dá a importância devida a este campo do conhecimento.

Na Geografia, o comportamento pragmático dos alunos deve ser trabalhado com temas que exijam reflexões direcionadas para práticas, tanto na escala local quanto global. Como exemplo, podemos discutir temas relacionados à poluição (causas, efeitos, projeções, interesses) ou à ocupação indevida de áreas rurais e urbanas, pois são temas de abrangência mundial e afetam a todos, direta ou

indiretamente, sem exceção. A identificação e a busca de resolução de problemas acabam incentivando, cada vez mais, a participação dos alunos e da comunidade e ajudam a diminuir o sentimento de impotência, que está desmotivando a sociedade, como um todo, a participar do engajamento social.

Porém nem sempre assim acontecem, os professores fadados a uma rotina monótona e uma metodologia estática não inovam nos métodos utilizados diariamente, conseqüentemente desvalorizando sua própria atuação frente ao ensino médio.

A educação tradicional consente que os excluídos/marginalizados da sociedade permaneçam no estado de consciência ingênua e alienação. No contexto capitalista, a educação é moldada a atender os interesses do capital, deste modo os oprimidos não compreendem a realidade que vivem (FREIRE, 2005, p.42).

Os alunos desanimados em conhecer o vasto campo da geografia a colocam em segundo plano, classificando os conteúdos abordados como insignificantes e portando estabelecendo seus objetivos de estudo em outras disciplinas. O fato é que, esses acontecimentos estão se tornando cada vez mais frequente nas escolas, se tornando entre os alunos algo rotineiro e normal referente às disparidades encontradas entre as disciplinas.

O professor também é tachado às vezes de incompetente pelos alunos simplesmente por lecionar esta disciplina, o ideal seria que a mesma atenção dada a outras disciplinas fosse dada a geografia, bem como, a valorização ao professor. O docente não deve esquecer que a percepção espacial de cada sujeito ou sociedade é resultado, também, das relações afetivas e de referências socioculturais. Despertar e manter a curiosidade dos alunos deve ser sempre a primeira tarefa da escola e um desafio constante para os professores cujo trabalho é prazeroso, mas os resultados nem sempre são imediatos. A maior vitória do professor é a vitória interna, aquela de alcançar a satisfação em ser professor no dia a dia.

Nesse sentido, a Geografia escolar deve ser trabalhada de maneira que seus conteúdos sejam relacionados com o cotidiano do sujeito que se ensina. Essa forma de ensino é possível a partir do momento que o professor desempenha o papel de mediador entre o conhecimento e o aluno, dando oportunidade do discente articular o conteúdo em suas próprias reflexões. Caso o professor não entenda o aluno como um sujeito sociocultural, uma série de problemas passa a ser gerada, como a

contestação da finalidade da geografia, enquanto disciplina obrigatória do currículo escolar, o desinteresse dos discentes e, por conseguinte dos docentes. Julgamos que todas as áreas do conhecimento são fundamentais para a formação do sujeito, o que cabe aqui é estabelecer metodologias diferenciadas para o aprimoramento escolar.

## 2.1 A formação e o trabalho do professor de geografia

O Plano Nacional de Educação (PNE) coloca no diagnóstico sobre a formação dos professores que a melhoria da qualidade do ensino depende da valorização do magistério e que esta só será possível através de uma política global do magistério, a qual implica para o professor ter uma boa formação profissional inicial; boas condições de trabalho e carreira; e boa formação continuada. Ao abordar a questão da educação e da formação dos seus profissionais no contexto atual é preciso considerar as palavras de Imbernón (2002), que afirma:

Em suma, a profissão docente deve abandonar a concepção predominante no século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico, de onde fato provém, e que se tornou inteiramente obsoleta para a educação dos futuros cidadãos em uma sociedade democrática, plural, participativa, solidária, integradora [...] (IMBERNÓN, 2002, p.7).

Para compreender melhor o processo educacional e o compromisso dos profissionais da educação frente à aprendizagem (tanto a sua aprendizagem como a dos alunos), é extremamente necessário, acompanhar as transformações sociais, políticas e econômicas do mundo globalizado, que tem trazido uma diversificação de idéias e novas visões da realidade atual.

A formação e o trabalho do professor de geografia no Brasil é desafiador, onde durante o curso de licenciatura, é discutida a necessidade de incorporar a pesquisa e os processos de investigação nos currículos de formação docente. Razoável bibliografia tem apoiado a pesquisa como princípio cognitivo e formativo de professores para a escola básica, demonstrando não serem poucos os defensores da relação entre a formação docente e a pesquisa.

Os novos referenciais de formação desse profissional, particularmente as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação, indicam que um dos problemas a ser enfrentados nos cursos de licenciatura se refere ao tratamento

dispensado à pesquisa. Com efeito, uma visão excessivamente acadêmica sobre essa atividade tem impedido concebê-la como dimensão privilegiada da relação entre teoria e prática, sendo, portanto, necessário redimensionar seu papel na formação de professores. A ideia é ressaltar a importância da pesquisa na construção de uma atitude cotidiana de compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e de busca de autonomia na interpretação da realidade.

Como educadores temos um papel importante, que é fazer com que o aluno seja um pesquisador de seus próprios conhecimentos. Sua relevância nos cursos de formação docente e na prática pedagógica vem sendo associada à concepção de professores reflexivos e críticos, estabelecendo uma relação essencial entre a prática reflexiva e a prática por ela orientada. Assim, a pesquisa pode ser considerada um processo aglutinador de reflexão e crítica, uma facilitadora da prática crítico-reflexiva, embora não seja necessariamente um desdobramento natural de qualquer prática reflexiva (LÜDKE, 2001).

Apesar da importância dessa questão, persiste ainda a ideia de que o professor da escola básica não necessita pesquisar. Tal posição tem reforçado uma concepção de professor como transmissor ou repassador de informação, mero usuário do produto do conhecimento científico. Considerando que investigar é pesquisar e que a pesquisa deve envolver o aprender a pensar, a citação a seguir mostra-se bastante oportuna:

Sabe-se que são consideráveis as deficiências do professorado em relação ao aprender a pensar, de modo que próprios necessitam dominar estratégias de pensar e de pensar sobre o próprio pensar [...] Parece claro que às inovações introduzidas no ensino das crianças e jovens correspondam mudanças na formação inicial e continuada de professores. Todavia, tanto em relação à formação das crianças e jovens quanto à formação de professores, importa não apenas buscar os meios pedagógicos didáticos de melhorar e potencializar a aprendizagem pelas competências do pensar, mas também de ganhar elementos conceituais para a apropriação crítica da realidade. É preciso associar o movimento do ensino do pensar aos processos da reflexão dialética de cunho crítico, a crítica como forma lógico-epistemológica. Pensar é mais do que explicar, e para isso as escolas e as instituições formadoras de professores precisam formar sujeitos pensantes, capazes de um pensamento epistêmico, ou seja, sujeitos que desenvolvam capacidades básicas de pensamento, elementos conceituais, que lhes permitam, mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação, colocar-se ante a realidade, apropriar-se do momento histórico para pensar historicamente essa realidade e reagir a ela (ZEMELMAN, 1994, apud LIBÂNEO, 1998, p. 86-87).

Assim, além de dominar conteúdos, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade no mundo, dando sentido e significado à aprendizagem.

Portanto, os problemas na realidade do ensino de Geografia gravita em torno da formação que os professores recebem, a qual infelizmente na maioria das vezes se dá através de práticas pedagógicas tradicionais e pouco eficazes. Permite-nos deduzir, que esses profissionais não conseguem ao final da graduação e, ao passo que assumem uma sala de aula, elaborar práticas pedagógicas inovadoras que transcenda os aspectos voltados para o fazer da prática pedagógica. Se não tem uma boa formação, conseqüentemente não serão bons profissionais e isso irá refletir no ensino da Geografia escolar. Isso tem gerado um círculo vicioso.

Em se tratando da formação profissional do professor, Callai (1999, p.36) diz que:

A renovação no ensino na sala de aula tem que acontecer e, para isso, é necessário pensarmos junto com os professores (para sairmos da tentação do receituário pronto), pois na maioria das vezes gastamos em discussões teóricas e, no dia-a-dia da sala de aula, a prática é a mais tradicional e conservadora possível, tanto nossa, na universidade, quanto nas escolas. Esse fenômeno acontece nos três graus de ensino, mas se desnuda de forma mais consistente no primeiro e segundo grau. No terceiro grau, ele é mais velado e só assume contornos de problema quando o profissional passa a exercer a sua profissão.

De acordo com Cavalcanti (2002) ressalta que se faz necessário investir na formação dos profissionais, considerando as exigências do ensino na atualidade. Não se trata de organizar cursos de formação profissional atrelados ao mercado de trabalho. Mas não se pode trabalhar nos cursos sem ter em mente as necessidades, as demandas da prática profissional. Recomenda-se que a formação profissional, seguindo esse princípio, “seja pensada executada com base numa concepção de objetivos educacionais que visam à preparação para o exercício do trabalho, para a prática da cidadania e para a vida cultural” (CAVALCANTI, 2002, p. 117).

Problemas de diversas ordens continuam dificultando a prática do ensino de Geografia na escola de educação básica: precárias condições de trabalho (falta de equipamentos e recursos materiais didáticos), baixos salários, carga horária excessiva, excesso de alunos por sala, entre outros.

A conjugação destes aspectos, juntamente com a desvalorização da Geografia escolar, das dificuldades apresentadas no processo educativo e das “deficiências” da formação dos professores forma o quadro que caracteriza a situação desta disciplina na escola de educação básica. Este último aspecto, relacionado à formação de professores, coloca em evidência uma questão central da problemática educacional na atualidade, cuja compreensão e equacionamento entram constantemente no debate sobre a escola e o ensino como a solução para os problemas enfrentados nestas instâncias.

No caso da Geografia escolar, os problemas relacionados à formação de seus professores concorrem diretamente para a situação desta disciplina na escola básica, considerando que

[...] a formação dos professores de Geografia é frequentemente problemática, pois existem muitos cursos superiores dessa ciência (e também de algumas outras) que não têm condições mínimas de funcionamento – isto é, corpo docente qualificado, com mestrado e doutorado, laboratórios e bibliotecas razoáveis, ônibus para excussões etc. – e, para completar, qualquer um julga que pode lecionar essa disciplina: uma boa parte dos docentes de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e do ensino médio não possui uma formação na área, sendo estudantes (de diversos cursos) ou sociólogos, historiadores, advogados, engenheiros, geólogos, teólogos etc. Esse é um dos fatores – juntamente com a sobrecarga de aulas e os baixos salários, elementos que fazem que o professorado em geral disponha de pouco tempo para preparar cuidadosamente as suas aulas lições – que explicam por que a geografia escolar tradicional ainda predomina nas escolas brasileiras de nível médio ou fundamental. (VESENTINI, 2007, p. 235).

No contexto das atuais configurações da escola, do trabalho docente e do ensino de Geografia, o ofício do professor de Geografia da educação básica não tem sido uma tarefa fácil. Pelo contrário, este ofício encontra-se envolvido por questões que fogem ao controle dos professores, enquanto profissionais autônomos em relação a sua prática. A propósito, em geral a própria autonomia do professorado não se inscreve como uma dimensão prática e efetiva do trabalho docente.

No que diz respeito ao trabalho do professor de Geografia na escola oficial, sobretudo da rede pública, ao que tudo indica, a situação parece ser ainda mais grave, tendo em vista os problemas internos enfrentados por esta disciplina. Os problemas e, conseqüentemente, os desafios que o professor de Geografia enfrenta decorrem da conjugação da problemática educacional – crise da escola e da

profissão docente – e da problemática do ensino de Geografia – crise desta área de conhecimento na educação básica.

Portanto, essa antiga polêmica com relação à formação do professor, alguns fazendo significativas críticas e outros defendendo, certamente não resolverá suas eventuais falhas e muito menos possibilitará a sugestão de novas propostas se não houver uma vontade individual por parte do professor, no intuito de colaborar para superar a idéia de simplificação da educação, oferecendo momentos de reflexões e de informações sobre a formação dos professores de Geografia para realização de práticas pedagógicas eficientes.

## 2.2 Novos recursos metodológicos para o ensino da geografia

O mundo contemporâneo nos demanda uma formação e uma atualização profissional permanente, que possa alcançar quase todos os aspectos produtivos, dentro de um mercado de trabalho complexo, mutável, flexível e imprevisível, junto a um ritmo de transformações aceleradas que nos obriga a estar aprendendo sempre coisas novas. Vivemos tempos de globalização, tendência esta que se manifesta mundialmente, impondo mudança de paradigma para o tratamento do saber.

No momento atual, é importante destacar a inserção das novas tecnologias que possibilitam a ‘fuga’ dos adolescentes em direção a computadores, jogos e principalmente imagens (sem um debate ou uma reflexão crítica a respeito), deixando muitas vezes de lado as leituras. Entretanto, “o professor precisa adequar seus planejamentos e leituras, levando em consideração a realidade local desses alunos, além de incorporar estratégias de ensino” (VESENTINI, 2006, p.11).

Os recursos tecnológicos são instrumentos de inovação na mediação entre o ensino e a aprendizagem, que são utilizados como ferramentas através de práticas pedagógicas que são mediadas através do professor, através de atividades em sala de aula, que envolva o aluno no processo de ensino. Cavalcanti (2010) expõe a importância da geografia escolar:

A consideração da geografia escolar como uma maneira específica de raciocinar e interpretar a realidade e as relações espaciais, mais do que uma disciplina que apresentam dados e informações sobre lugares para que sejam memorizados, aproxima a disciplina dos princípios construtivistas. Ou seja, pausar o desenvolvimento de determinadas capacidades, a serem desenvolvidas por meio de trabalho com conteúdos, requer a escolha de



caminhos adequados para levar a cabo o próprio ensino. (CAVALCANTI, 2010, p. 35).

O professor de geografia da atualidade deve estabelecer várias condições para ampliação das ideias que surgem a todo momento. As crianças e jovens de hoje crescem inseridas num mundo pulsante de novas tecnologias, o que representa conseqüentemente novos instrumentos de aprendizagem.

As tecnologias cada vez mais fazem parte da vida da população, tornando um espaço fundamental para o aprendizado, este espaço virtual está cada vez mais se instituindo também na escola. É bastante perceptível a inserção dos estudantes nas novas tecnologias de comunicação como a internet.

A ideia é estabelecer a busca por uma socialização eficaz, através de uma prática pedagógica onde os alunos do ensino médio utilizem desses recursos tecnológicos para esse aprimoramento, especificamente nas aulas de geografia.

Segundo Ribeiro, adolescentes e principalmente crianças

não conseguem compreender o mundo sem a utilização da comunicação em tempo real, configurando-se como Nativos Digitais. Em outras palavras, a tecnologia é totalmente incorporada no seu cotidiano, sendo utilizada como ferramenta útil nos estudos, na vida diária e como um poderoso espaço para o desenvolvimento das suas relações sociais, através da participação em comunidades virtuais. Dessa forma, a criança é um agente social que interpreta seu mundo e sua vida de forma particular, através de múltiplas interações estabelecidas pelas crianças entre si e com adultos (RIBEIRO, 2010, p. 17)

Esse debate, na nossa prática educacional como professor e pesquisador, não se resume somente ao uso da internet como ferramenta de pesquisa, as aulas devem ser elaboradas através de ferramentas pedagógicas que se dão por meio de outras tecnologias e práticas de ensino, podemos citar o uso do GPS para aperfeiçoamento nas aulas de cartografia caracterizando a área a ser estudada, bem como a exposição de vídeos interativos para explanação de conteúdos a serem trabalhados de maneira clara e atrativa, o estudo da geografia natural e humana através das aulas de campo, demonstrando aos alunos as interações existentes.

Através da globalização, pode-se buscar com auxílio de pesquisas na internet e utilização do computador, os aplicativos existentes com os conteúdos de maneira digital, o aluno poderá ter uma visão mais crítica e construtiva, onde o professor em

suas aulas através de metodologias diversificadas, incentivar o desenvolvimento intelectual do aluno.

De acordo com Vesentini (2006) ao ser questionado sobre como educar os adolescentes, quando estes estão voltados para as imagens, jogos e computadores, pouco se preocupando com a linguagem escrita, responde o seguinte:

O bom professor deve adequar seu curso à realidade dos alunos. Realidade tanto local (a comunidade, o espaço de vivência e suas características) - nunca se deve esquecer que os estudos do meio constituem um dos mais importantes instrumentos da geografia escolar-, como também psicogenética, existencial, social e econômica. Se os educandos, são fascinados pelos computadores, pela imagem no lugar da escrita, por jogos, então é interessante incorporar tudo isso na estratégia de ensino, afinal, o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais. A televisão, a mídia em geral e os computadores (isolados ou conectados a redes) oferecem imensas possibilidades inovadoras ao professor. Cabe trabalhar com esses recursos de maneira crítica, levando o aluno a usá-los de forma ativa (e não meramente passiva). Mas não se pode negligenciar a linguagem escrita, pois ela representa toda uma herança cultural da humanidade nela se aprende de forma mais eficaz a pensar e a conceber coisas novas (VESENTINI, 2006, p.30).

Diferentes concepções pedagógicas atribuem a essas ferramentas distintas funções e atribuições. No cotidiano escolar que vivemos é perceptível o sentimento receoso demonstrado por colegas professores, que relutam a aceitar e perceber que essa conjuntura é inevitável, e mais, que é preciso pensar pedagogicamente como lidar com ela. A reprodução de uma prática de viés tradicional, centrada na figura do professor como proprietário, dominador e transmissor do conhecimento continua, em certa medida, ignorando a existência desse novo cenário. (PAULI, 2011)

Nesse sentido, é importante que o professor reflita sobre o objetivo de sua prática nesse novo contexto. 'Como ensinar' é tão importante como 'o que ensinar'. Em face disso torna-se imprescindível que sejam oferecidas condições para que o professor tenha uma formação no âmbito do uso e domínio das TICs, de modo que possam adequá-las ao contexto educacional, sem, no entanto, deixarem levar-se por modismos tecnológicos. Mas possam efetivamente adquirir uma compreensão ampla das mesmas, de modo a compreendê-las como uma ferramenta pedagógica na construção do conhecimento, refletindo sempre sobre suas possibilidades.

Mas infelizmente podemos observar que em pleno século XXI, os professores têm dificuldades em utilizar-se destes recursos tecnológicos. Ocorre a falta em

alguns momentos de motivação para desenvolver aulas prazerosas e sair da rotina fazendo uso dos recursos mais comuns encontrados nas escolas públicas que é a lousa e o livro didático, que na maioria das vezes torna-se o único recurso.

Portanto, repensar a prática docente no processo de ensino-aprendizagem é uma tarefa difícil, mas, jamais impossível. Pois, diga-se de passagem, que, o educador é o ponto de partida na construção de conhecimentos dos nossos alunos, principalmente no ensino fundamental e em consequência no ensino médio.

## CAPÍTULO 3

### 3. OS DESAFIOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL ADRIANO FEITOSA

#### 3.1 Caracterização do Município de Tavares – PB

Segundo os dados do IBGE de 2010 o município de Tavares está localizado na mesorregião do Sertão Paraibano e na microrregião da Serra do Teixeira, limitando-se a Oeste com Princesa Isabel, a Norte com Nova Olinda, a Leste Juru e a Sul com a cidade de Quixaba em Pernambuco como pode ser observado no mapa abaixo. Ocupa uma área territorial de 237,330 km<sup>2</sup>, sua população de acordo com o último censo de 2010 era de aproximadamente 14.103 habitantes, distribuída na zona rural com 7.487 e zona urbana com 6.616, portanto uma densidade demográfica de 59,42 hab/km<sup>2</sup>, de acordo com as estimativas do IBGE a população em 2014 poderá ter um aumento para 14.518 habitantes.

O IDHM de 2010 (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) é representado com 0,586 considerado médio, sendo que as características econômicas do município pode ser representada de diversas formas, na agropecuária e comércio em pequena escala, nos serviços públicos e privados.

#### 3.2 Apresentação da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Adriano Feitosa

A Escola Estadual de Fundamental e Médio Adriano Feitosa, fundada no ano de 1985, recebeu o nome em homenagem a um professor memória lembrada historicamente, em virtude de, sua importância a educação desta cidade.

A referida entidade está geograficamente localizada no centro da cidade de Tavares – PB no endereço: Rua: Severino Carlos de Andrade 489, tendo como ponto de referência igreja Matriz de São Miguel Arcanjo. Podemos observar na imagem abaixo:

**Imagem 01:** Escola onde foi realizada a pesquisa



**Fonte:** Autoria própria, 2014.

As modalidades de ensino adotadas e oferecidas de Ensino Fundamental e Médio e do Programa EJA, têm hoje um número considerado de alunos matriculados, atingindo um índice de 1.628 alunos, que são divididos: Fundamental I: 252 alunos, Fundamental II: 267 alunos, Médio: 498 alunos, EJA 1ª fase: 500 alunos, EJA 2ª fase: 24 alunos e EJA Médio: 87 alunos. A clientela em relação ao alunado não dispõe em sua maioria de condições econômicas satisfatórias, o nível é de classe baixa e média atendendo também em maior número de estudantes vindos da zona rural.

A Escola oferece como aspecto físico: 01 Diretoria, 01 Secretaria, 01 Sala de Professores, 01 Sala de Informática, 01 Sala de Ciência/Laboratório (em estado precário) 15 Salas de Aulas, 01 Almoxarifado, 01 Deposito de material de limpeza, 01 Despensa, 01 Circulação interna, 01 Cozinha, 01 Sanitário para funcionários, 06 Sanitários para alunos. Quanto ao corpo docente consta de: 01 Diretor, 02 Diretoras adjuntas, 01 Secretária, 01 Coordenadora para Primeiros Saberes da Infância, 04 Auxiliares de Secretaria, 03 Merendeiras, 02 Técnicos Administrativos para apoio à Informática, 01 Técnico Administrativo Auxiliar de Secretária, 01 Técnico Administrativo Inspetor, 01 Técnico Administrativo, 01 Auxiliar de Biblioteca, 04 Inspetores escolar; 09 para Apoio Pedagógico, 08 Auxiliares de serviços gerais, 01 Porteiro, 02 Vigilantes, 10 Professores do fundamental I, 17 Professores do

fundamental II, 28 Professores do Médio Regular, Médio Eja e Fundamental II e 16 Professores de Fundamental EJA.

Em caráter didático pedagógico a Escola Estadual Adriano Feitosa obedece ao calendário escolar estabelecido pela Secretária Estadual de Educação. Este ano consta o mesmo de 200 dias letivos, são elaborados projetos e propostas pelos alunos, sob a orientação dos professores. Todas as datas comemorativas são festejadas no complexo interno escola principalmente as datas cívicas e as festivas em espaço externo da escola.

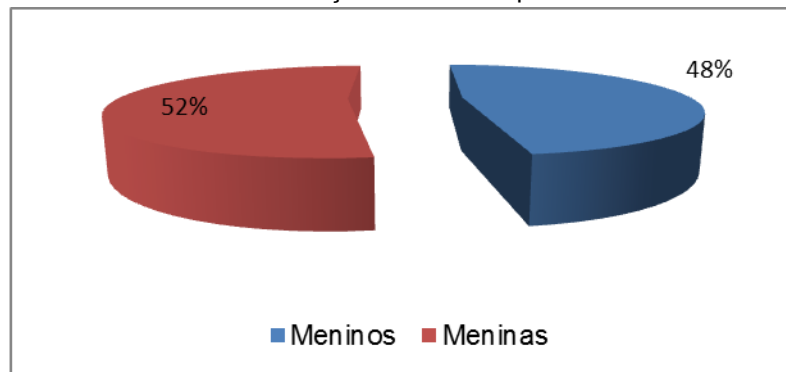
### 3.3 A visão dos alunos da Escola Adriano Feitosa em relação ao ensino de geografia

Primeiramente gostaríamos de apresentar o nosso caminha metodológico nessa pesquisa. A coleta de dados é uma das principais etapas da pesquisa, em que se questiona a realidade e se obtêm dados através de aplicação de técnicas. (BARROS; LEHFELD, 2007)

O método utilizado é o fenomenológico, pois consiste na descrição direta da experiência interpretada e compreendida para construção do conhecimento. O estudo realizado, foi do tipo exploratório/descritivo com abordagem qualitativa. Que teve como instrumento de coleta de dados questionários, contendo perguntas tanto abertas como fechadas. O estudo também teve o suporte de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão.

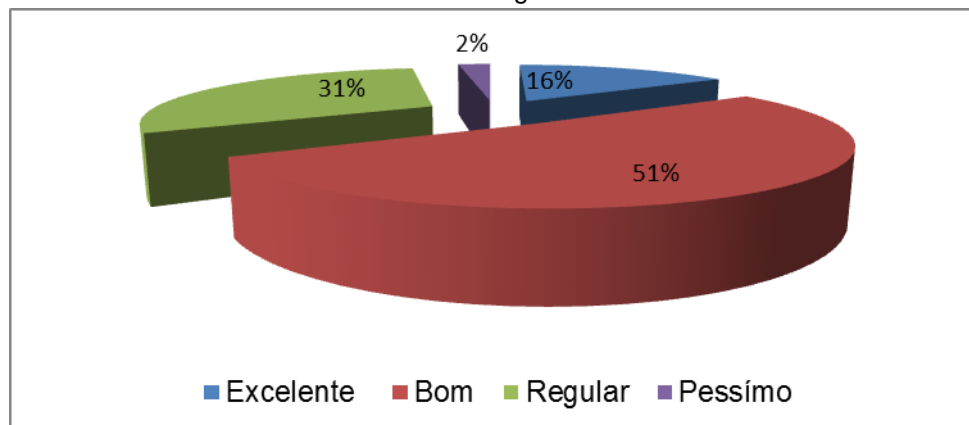
As informações obtidas foram analisadas com base nas falas dos participantes e correlacionadas com os achados bibliográficos, na prática do desenvolvimento de novos recursos metodológicos aplicados. Foi realizada análise e interpretação dos resultados obtidos em forma de representação teórica.

A amostra dos participantes constituiu-se de alunos das três séries que integram o ensino médio da Escola Estadual Adriano Feitosa, onde as turmas pesquisadas foram o 1º ano A, 2º ano A e o 3º ano B, com um total de 82 alunos entrevistados. Os questionários foram aplicados durante o horário da aula de geografia. O sexo feminino está representando maioria dos alunos do ensino médio compreendendo 52% do total de alunos pesquisados. O sexo masculino está representado por 48% do total. (Ver gráfico 1)

**Gráfico 1 - Distribuição dos alunos por sexo**

Fonte: Autoria própria, 2014.

Foram questionados de como consideram o estudo da geografia em sua escola, 16% dos alunos entrevistados consideram excelente, 51% bom, 31% regular, 2% dos alunos questionados consideram o estudo da geografia como péssimo (Ver gráfico 2). Diante desses dados obtidos podemos constatar que uma parcela representativa desses alunos avaliam o estudo da geografia entre bom e regular, isso nos mostra que, muitos são os aspectos a serem alterados para que diante da avaliação dos alunos o estudo da geografia possa vir a ser melhorado na escola.

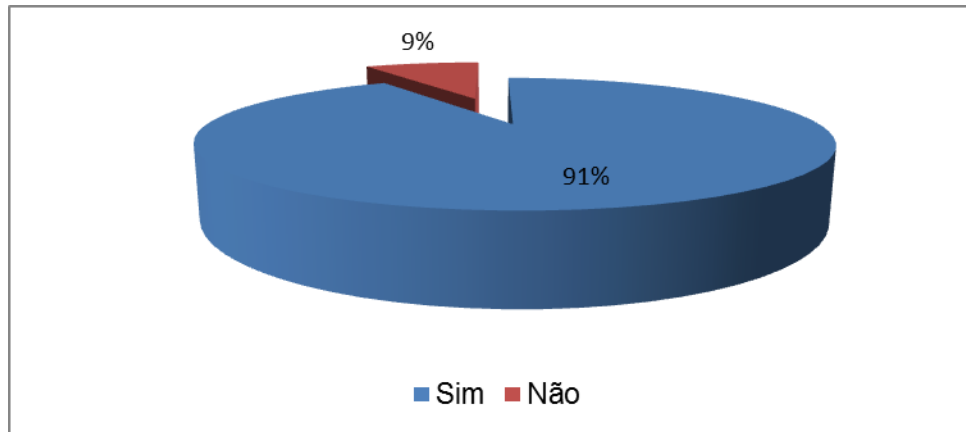
**Gráfico 2 – Estudo da Geografia na Escola**

Fonte: Autoria própria, 2014.

Os alunos foram indagados de forma direta se gostam da disciplina de Geografia, 91% responderam que sim e apenas 9% disseram que não (Ver gráfico 3). Podemos então observar que em sua maioria, os alunos do ensino médio gostam da disciplina citada. Nesse sentido, os levantamentos demonstram que o estudo da

disciplina de Geografia na Escola Estadual Adriano Feitosa, segundo os alunos está deficiente, pois os mesmos gostam da matéria.

**Gráfico 3 – Alunos que gostam da disciplina Geografia**



**Fonte:** Autoria própria, 2014.

No questionário foi perguntado se o professor que leciona a disciplina de Geografia utiliza recursos tecnológicos durante a aula, os alunos em sua totalidade responderam que sim. Pediu-se ainda que citassem quais recursos são esses, os estudantes elencaram uma lista desses recursos, entre eles: data show, tablet, internet, vídeos aula, aula em slides e laboratório de informática. Segundo eles, o acesso a internet melhora o desenvolvimento da aprendizagem e estimula o interesse nas aulas, pois através de imagens e documentários utilizados pelos professores de geografia as aulas se tornam mais atrativas.

Os alunos também ressaltaram que é de fundamental importância a utilização dessas fontes inovadoras, quando perguntados se aprendem os conteúdos de geografia através da utilização desses recursos tecnológicos, 94% disseram que sim e 6% acharam que não (Ver gráfico 4).

De acordo com esse levantamento podemos detectar que o uso de aplicativos, jogos interativos, acesso a internet e vídeos atraem a atenção dos alunos, de modo que os mesmos podem se interessar mais pela disciplina de geografia, cabendo ao professor diversificar suas aulas. Esse desafio é detectado em muitas escolas, pois a tecnologia se expande e a educação tem que estar aliada a esse crescimento, fazendo com que o processo de ensino e aprendizagem seja prazeroso.



**Gráfico 4 – Utilização de recursos tecnológicos**

**Fonte:** Autoria própria, 2014.

Nota-se que as novas tecnologias facilitam o aprendizado do alunado, tornando as aulas dinâmicas e atrativas. É fundamental na geografia que esses recursos tecnológicos façam parte do dia a dia escolar, onde o aluno tenha acesso as essas informações de maneira contínua, não se pode tornar as aulas de geografia monótonas e cansativas, mas sim, aliando o modelo tradicional com o moderno, pois o aluno nada mais é do que um receptor de informação. E para romper com essa prática tradicional na sala de aula, o professor tem que inovar e criar novas possibilidades de aprendizagem.

Referente aos instrumentos mais utilizados pelos professores de Geografia nas aulas, a maioria das turmas entrevistadas ressaltaram o Data Show, o laboratório de informática e o livro didático, este que por sua vez facilita o aprendizado do aluno. Sabemos que o livro didático é um facilitador do processo de ensino e aprendizagem, pois auxilia o professor em suas aulas através da explicação e debates com seus alunos, mas não pode assumir somente uma postura teórica e monótona, o professor deve mesclar suas práticas docentes, pois o livro pode virar o grande carrasco dos alunos. O livro didático vem se apresentar como um suporte no desenvolvimento educacional melhorando o aproveitamento entre professores e alunos, cabendo ao docente a responsabilidade de apresentá-lo como fonte de pesquisa, descoberta, e vínculo com a vida social do aluno.

Quando perguntados em relação aos conteúdos de Geografia que mais gostam, os alunos indicaram diversos assuntos, entre os temas mais citados, podemos destacar os aspectos humanos e naturais da Geografia, como por exemplo: população do Brasil, distribuição de renda, globalização, os aspectos

culturais, cartografia, clima, relevo, hidrografia, formações vegetais, geografia da Paraíba, entre outros.

Essa diversidade de conteúdos citados pelos alunos representa um conhecimento da disciplina, onde as turmas entrevistadas ressaltaram a afinidade com determinados assuntos, o 1º ano em sua maioria focaram mais nos aspectos naturais da geografia, já os alunos do 2º e 3º ano boa parte da turma indicaram estudos voltados a geografia humana, isso vem ressaltar a amplitude de informações que a geografia proporciona, daí a importância de se conhecer assuntos fundamentais para o aprendizado.

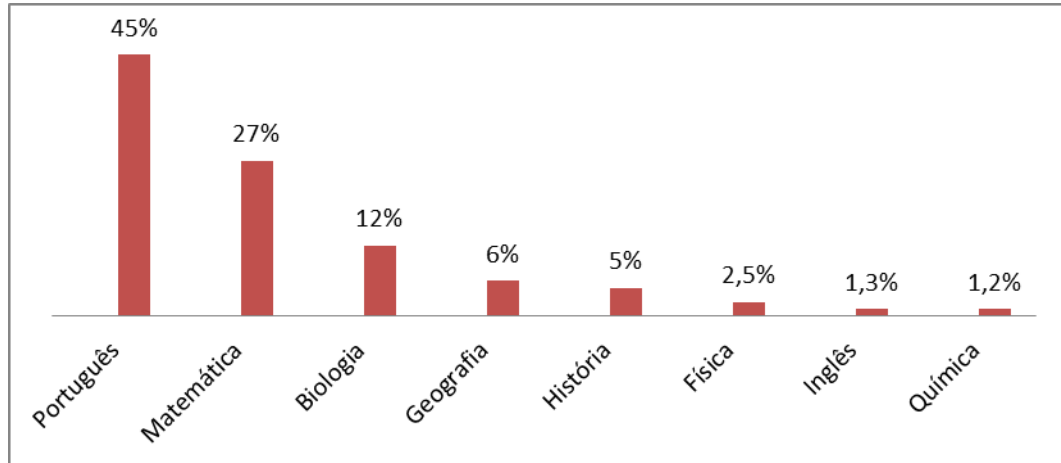
Perguntados sobre as dificuldades encontradas nas aulas de geografia os alunos ressaltaram algumas problemáticas, dentre as quais podemos citar a deficiência na leitura e interpretação de textos e mapas, onde o recebimento dos conteúdos por meio dos alunos se torna carente se os mesmos não tem domínio de leitura. Outro aspecto relatado pelos alunos, é que a disciplina de Geografia não é uma matéria estática, porque vive em constante modificação, como é o caso da geografia econômica e dos aspectos populacionais, nesse contexto identifica-se que o conhecimento geográfico deve ser aprimorado a cada ano letivo acompanhando essas transformações.

Os alunos elencaram situações positivas e negativas em estudar geografia, entre os pontos importantes abordados, ressaltaram a importância em conhecer a variedade cultural do Brasil e do Mundo, estudar a geografia local, aprender sobre território e sua amplitude, o estudo geográfico proporciona o conhecimento com as relações sociais e principalmente a participação do componente curricular na prova do ENEM, que nos dias atuais é a porta de entrada para a vida acadêmica. Esses foram os pontos positivos.

Entre os pontos negativos, os educandos apontaram que a disciplina é cansativa pelo fato dos conteúdos serem muito extensos, ocasionando uma defasagem durante as aulas, alguns apontaram que a geografia da Paraíba é pouco abordada na grade curricular, já que se trata de um conteúdo que os mesmos demonstram grande interesse. Também comentaram a insatisfação pela falta de aulas voltadas para pesquisas de campo e projetos de extensão. Outro ponto negativo citado foi à repetição de anotações de assuntos, tornando as aulas cansativas.

Dentre as disciplinas trabalhadas no ensino médio da Escola Estadual Adriano Feitosa, os alunos classificaram de acordo com a importância de cada disciplina, enumerando de 1 à 8 as seguintes disciplinas: Português, Matemática, Biologia, Geografia, História, Física, Inglês e Química, conforme podemos observar adiante (Ver gráfico 5).

**Gráfico 5** – Classificação das disciplinas quanto à importância (segundo os alunos)



**Fonte:** Autoria própria, 2014.

Dos 82 alunos perguntados das três turmas do Ensino Médio da Escola Estadual Adriano Feitosa, 37 considerou a disciplina de português como a mais importante, seguido de matemática no qual foi escolhida por 22 alunos, constatando que a maioria dos alunos atribuiu às disciplinas de português e matemática como as mais importantes, onde as demais disciplinas ficaram distribuídas da seguinte forma: 10 alunos escolheram biologia, 5 geografia, 4 história, 2 física, 1 inglês e 1 química.

Quando perguntados o motivo por essa escolha, responderam que as disciplinas de português e matemática representam um maior peso quando são submetidos a um vestibular ou concurso público. As demais disciplinas segundo a maioria dos alunos ficaram de lado por vários motivos, no caso da geografia justificaram que os conteúdos não são difíceis para compreensão, citaram que as aulas não são atrativas e outros argumentaram que alguns assuntos não são tão importantes quanto português e matemática.

A disciplina de geografia segundo os alunos é considerada de importância mediana, porém apesar das dificuldades citadas revelou que os mesmos gostam da disciplina, existindo alguns pontos que impossibilitam uma maior interação entre o aluno e o estudo geográfico. Através desses dados pode-se procurar melhorias para

aprimorar e desenvolver um ensino de Geografia de maior qualidade, proporcionar aulas diversificadas com o auxílio de recursos tecnológicos, onde os alunos fiquem motivados para participar das aulas, contribuindo assim para o seu aprendizado.

### 3.4 A visão dos professores de geografia do Ensino Médio da Escola Estadual Adriano Feitosa

O professor sempre exerce um papel fundamental na formação e busca por uma educação de qualidade. Diante disso, os educadores da Escola Estadual Adriano Feitosa, contribuíram relatando os desafios vivenciados durante anos nas suas práticas docentes.

No Ensino Médio da escola citada, os professores de Geografia descreveram suas experiências, expuseram a importância do ensino da Geografia na construção do conhecimento do aluno, analisaram os caminhos em que o ensino da geografia vem percorrendo durante anos de prática docente, bem como as metodologias mais utilizadas em suas aulas.

Os professores que lecionam a disciplina de Geografia no Ensino Médio são constituídos em 03 profissionais, onde todos estão no quadro efetivo, os mesmos têm a formação adequada para exercício de suas funções, pois são licenciados em Geografia. Os professores da disciplina estão divididos nos turnos tarde e noite, já que no turno manhã funciona somente o Ensino Fundamental I e II.

Diante de suas experiências em anos trabalhados e dedicados a lecionar esta disciplina, foi exposto que o estudo da Geografia representa uma construção do conhecimento fundamental para a vida de seus alunados, os professores relataram a necessidade de se ter o domínio dos conteúdos desenvolvidos nas aulas teóricas ou práticas, pois esses assuntos devem ser estudados para que ocorra uma formação eficaz e satisfatória, tornando esses alunos aptos para concorrência existente dentro da sociedade. A Geografia é uma disciplina que retratada diversos acontecimentos a todo instante, nessa perspectiva é extremamente necessário torná-la parte da vida dos alunos.

A análise do processo de ensino da disciplina na escola segundo os professores é considerado bom, onde existem algumas dificuldades para melhoria desse quadro. A falta de investimentos na estrutura física da escola, os desafios em utilizar-se de recursos diversificados para a prática docente também foi ressaltado,

defenderam a necessidade de acontecer mais encontros pedagógicos e um compromisso maior com a disciplina por parte de seus alunos.

A participação dos alunos no estudo da Geografia segundo os professores é de maneira regular, faltando uma interação maior com a disciplina, devendo ocorrer também questionamentos por parte dos alunos para melhoramento das aulas, uma atração mais eficaz por parte da maioria e não minoria nas realizações das atividades e pesquisas propostas. Nesse sentido, foi perguntando aos professores os motivos que levam a desmotivação dos alunos nas aulas de Geografia, os mesmos responderam que os alunos não gostam de realizar leituras freqüentes, não gostam dos enunciados longos e acham os conteúdos decorativos tornando a disciplina cansativa.

Dentre os instrumentos didáticos mais utilizados pelos professores o livro didático foi o mais citado. Os motivos são a facilidade encontrada na elaboração de suas aulas, as dificuldades encontradas na utilização de outros recursos didáticos, como exemplos: o data show, o tablet e o laboratório de informática. Diante disso, foi observado que os professores tem algum tipo de dificuldade em utilizar-se desses recursos tecnológicos, apesar dos mesmos relatarem que já participaram de algum curso de formação continuada sobre o uso de novas fontes para aprimoramento de suas práticas docentes em sala de aula.

Apesar da escola oferecer recursos tecnológicos para diversificar suas metodologias de ensino, os professores explicaram que não tem o domínio suficiente dessa tecnologia, onde na maioria das vezes atrapalham as aulas, pelo fato dos alunos não ter a consciência adequada de saber utilizar esses instrumentos para o seu aprendizado, prejudicando ainda mais o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, foi exposto pelos professores a existência de muitos recursos para aprimoramento das aulas de Geografia, devendo ocorrer capacitações e treinamentos frequentes para os professores, que venham desenvolver práticas docentes mais eficazes, buscando de alguma forma melhorar esse quadro atual, despertando em nossos alunos o interesse e a capacidade de lidar com o novo de maneira construtiva, observando a Geografia com o desejo em aprender, cabendo aos professores rever seus conceitos e práticas no dia a dia escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo nos proporcionou um maior conhecimento, frente aos desafios encontrados nas aulas de Geografia no Ensino Médio, desenvolvendo conceitos estruturantes para a melhoria das aulas. Através das informações adquiridas foi possível refletir e perceber como são realizadas as aulas de Geografia na Escola Estadual Adriano Feitosa, bem como as dificuldades relatadas pelos professores e alunos.

Esse estudo contribuiu para amostragem em relação às experiências na prática docente, promovendo reflexões das possíveis causas e consequências do ensino de Geografia na referida escola, promovendo um maior conhecimento das metodologias utilizadas, fazendo um estudo crítico dos trabalhos pedagógicos e a participação dos alunos de maneira significativa no processo de ensino e aprendizagem. A busca do entendimento da relação professor e aluno são fundamentais para melhoraria das aulas e conseqüentemente do ensino, torná-las mais atrativas, onde o professor deve reconhecer suas limitações e o aluno procurar se aproximar do estudo geográfico.

De acordo com essa pesquisa, pode-se verificar a importância que o professor tem em reverter esse quadro para uma maior valorização da disciplina estudada, a necessidade de rever conceitos, procurando se adaptar as mudanças impostas pela sociedade atual, absorvendo o que há de bom para suas práticas pedagógicas em sala de aula. Diante dos desafios que implica o ensino da geografia, julgamos que é preciso criar condições de aproximação entre os professores e alunos, onde o planejamento é essencial nesse processo.

No desenvolvimento das aulas de Geografia, o professor tem que explorar ao máximo o campo do conhecimento, afinal ele é o mediador de todo esse processo, tendo atitudes reflexivas junto com seus alunos, ultrapassando limites e vencendo os obstáculos. Diante disso, ocorrerão debates, terá uma abertura para os questionamentos, construindo um estudo geográfico satisfatório.

Entendemos que o processo de ensino e aprendizagem é um desafio constante, no caso específico da Geografia, pode ser melhorado através de metodologias diversificadas, estabelecendo reflexões e atitudes para evolução da prática didática, oferecendo novos recursos metodológicos, mudar o que é

necessário, ter consciência da interdisciplinaridade nesse percurso, elevando o nível de ensino de maneira que ocorra uma reestruturação no ensino da Geografia.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **Geografia: ciência da sociedade- Uma introdução à análise do pensamento geográfico.** Editora Atlas, São Paulo, 1987, 143 p.

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 3. ed. 158 p.

BRABANT, J-M. Crise da Geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, A. U. de (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 15-23.

BRASIL Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino médio.** Brasília: MEC, 2000, 109 p.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental : introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC, 1998, 174 p.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia.** Brasília: MEC, 1995.

CALLAI, H. C. **A formação do profissional da Geografia.** Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

CAMARGO, J. C. G. REIS J. DANTE F. C. A filosofia (neo)positivista e a Geografia Quantitativa. In: VITTE, Antonio Carlos (org.) **Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos.** Editora Papirus. São Paulo. 2010.

CHRISTOFOLETTI, A. As características da nova geografia. In: **Perspectivas da geografia.** São Paulo: Difel, 1985, p.71-101.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial.** São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 43° edição, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GODOY, P. R. T. **A história do pensamento geográfico e epistemologia em geografia.** São Paulo: UNESP, 2010.



IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico de 2010, dados referentes ao município de Tavares/PB. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_paraiba.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_paraiba.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2014.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: Formar-se para a mudança e a incerteza**. 3.ed. São Paulo, Cortez, 202 (Coleção Questões da Nossa Época: v. 7).

ISSLER, B. Os Estudos Sociais no Brasil. In. **Geografia e os Estudos Sociais** (Doutorado em Geografia) Presidente Prudente, São Paulo, 1973.

LACOSTE, Y. **Geografia do Subdesenvolvimento- Geopolítica de uma Crise**. Difel, 7a edição. São Paulo, SP, p. 335, 1985.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, Adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

LÜDKE, M. **O professor e a pesquisa**. Campinas: Papius, 2001. (Prática Pedagógica.)

MENEZES, M. V; SANTOS, F. S; SOUZA, C. G; SOUZA, T.A. **As principais correntes do pensamento geográfico: Uma breve discussão da categoria de análise de lugar**, 2009. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2009/as%20principais.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

MORAES, A. C. R. **A Gênese da Geografia Moderna**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1983.

MOREIRA, R. **O que é Geografia**. Editora Brasiliense, 14a edição. São Paulo, p. 113, 1994.

MORIN. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: um retrato desnecessário. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **A Geografia na sala de aula**. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 34-49.

OLIVEIRA, M. M. **A geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino**. Revista Discente Expressões Geográficas, Santa Catarina, v. 2, p. 10-24, 2006.

OLIVEIRA, A. U. (Orgs.) **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2005.

PAULI, W. M. **O ensino de geografia e as novas possibilidades pedagógicas construídas a partir da utilização de ambientes virtuais de aprendizagem**, 2011. Disponível em: <[http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13\\_02\\_2012\\_11.02.30.d9396cc881a48692a75e2432f821a959.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_11.02.30.d9396cc881a48692a75e2432f821a959.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2014.

RIBEIRO, A. C. R. **O computador como uma ferramenta para auxiliar na aprendizagem:** a visão de alunos e professores. Monografia de Graduação. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: <<http://www.nuted.ufrgs.br/wordpress/wpcontent/uploads/2011/04/TCC-Ana-Carolina.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2014.

SALES, G. F. **Geografia Humana, Geral e do Brasil. Vol. I.** Ed. Nacional. São Paulo, 1983.

SANTOS, R. M. R. SOUZA, Maria Lopes de. **O ensino de geografia e suas linguagens.** Curitiba: Ibpex, 2010, (coleção Metodologia do Ensino de História e Geografia; v. 8).

SANTOS, M. **Por uma geografia nova:** da crítica de geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

VESENTINI, J. W. Realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI.** 3. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2007, p. 219-248.

\_\_\_\_\_. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **A Geografia na sala de aula.** 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 14 – 33.

\_\_\_\_\_. **O ensino de Geografia no século XXI.** Campinas, SP: Papyrus, 2004.

\_\_\_\_\_. Geografia crítica e ensino. In: OLIVEIRA, A. U. de (org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 30-38.

# **ANEXOS**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES**

**QUESTIONÁRIO (ALUNO)**

O seguinte questionário é um estudo aprofundado para coleta de informações fundamentais sobre o ensino da geografia no ensino fundamental e médio, onde esses levantamentos serão realizados unicamente para a verificação das possíveis dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos, permitindo uma melhor avaliação do processo de ensino e aprendizagem, esses questionamentos serão aplicados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Adriano Feitosa no município de Tavares – PB.

Sua participação será de suma importância para reflexão de nossa prática pedagógica, buscando melhorias nas aulas e ampliando o conhecimento para o processo formativo.

Seu nome ficará no mais absoluto sigilo, pois o estudo é unicamente relacionado com o desenvolvimento da pesquisa. Neste sentido, o entrevistado nos permite a utilização dessas informações, para o desenvolvimento do nosso estudo.

Agradecemos, desde já, a sua colaboração.

**ANÁLISE DOS ALUNOS SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA**

ESCOLA: \_\_\_\_\_ SÉRIE: \_\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_ IDADE: \_\_\_\_\_

1. Como você considera o estudo da geografia em sua escola?

( ) Excelente      ( ) Bom      ( ) Regular      ( ) Péssimo

2. Você gosta da disciplina de geografia?

( ) SIM. Por quê? \_\_\_\_\_

( ) NÃO. Por quê? \_\_\_\_\_

3. Seu professor tem utilizado de recursos tecnológicos nas aulas de geografia?  
Quais recursos são esses?

---

---

4. Quais os conteúdos de geografia que você mais gosta?

---

---

5. Quais suas maiores dificuldades em aprender geografia? Por quê?

---

---

6. Qual desses instrumentos didáticos utilizados pelos professores de geografia em suas aulas facilita a sua aprendizagem?

- (    ) O Livro didático      (    ) Data Show para exibição de imagens e vídeos  
(    ) Tablet              (    ) Laboratório de informática e acesso a internet  
(    ) Outros \_\_\_\_\_

7. Indique pontos positivos e negativos em estudar geografia.

---

---

8. Você acha que é possível aprender os conteúdos de geografia através de vídeos, acesso a internet, jogos interativos e utilização de aplicativos?

- (    ) sim                      (    ) não

9. De acordo com as disciplinas citadas abaixo, enumere de 1 á 8 às disciplinas nas quais você mais acha importante:

- (    ) Geografia    (    ) História    (    ) Matemática    (    ) Português  
(    ) Inglês      (    ) Física      (    ) Química      (    ) Biologia

10. Em sua opinião o que pode melhorar as aulas de geografia?

---

---

Assinatura do entrevistado



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES**

**QUESTIONÁRIO (PROFESSOR)**

O seguinte questionário é um estudo aprofundado para coleta de informações fundamentais sobre o ensino da geografia no ensino fundamental e médio, onde esses levantamentos serão realizados unicamente para a verificação das possíveis dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos, permitindo uma melhor avaliação do processo de ensino e aprendizagem, esses questionamentos serão aplicados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Adriano Feitosa no município de Tavares – PB.

Sua participação será de suma importância para reflexão de nossa prática pedagógica, buscando melhorias nas aulas e ampliando o conhecimento para o processo formativo.

Seu nome ficará no mais absoluto sigilo, pois o estudo é unicamente relacionado com o desenvolvimento da pesquisa. Neste sentido, o entrevistado nos permite a utilização dessas informações, para o desenvolvimento do nosso estudo.

Agradecemos, desde já, a sua colaboração.

**IDENTIFICAÇÃO – DADOS PROFISSIONAIS**

ESCOLA: \_\_\_\_\_ SÉRIE: \_\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_ IDADE: \_\_\_\_\_

1. Qual a sua formação acadêmica?

( ) Bacharelado      ( ) Licenciatura      ( ) Especialização em educação

( ) Mestre      ( ) Doutor

( ) Outro. Qual \_\_\_\_\_.

2. Situação profissional:

( ) Professor Efetivo      ( ) Professor Contratado

3. A quanto tempo que leciona esta disciplina?

## O ENSINO DA GEOGRAFIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

4. Qual a importância da geografia na construção do conhecimento do aluno?

---

---

5. Como você analisa o ensino da geografia em sua escola?

( ) Ótimo            ( ) Bom            ( ) Regular            ( ) Péssimo

6. Como você verifica a participação dos alunos nas aulas de geografia?

( ) Excelente            ( ) Boa            ( ) Regular            ( ) Péssima

7. Em sua opinião quais motivos que levam a desmotivação por parte dos alunos nas aulas de geografia?

---

---

8. Existem encontros pedagógicos para planejamentos entre os professores de geografia em sua escola?

( ) SIM Indique o período \_\_\_\_\_

( ) NÃO Justifique \_\_\_\_\_

9. Como você avalia a sua formação profissional?

( ) Excelente            ( ) Boa            ( ) Regular            ( ) Péssima

10. Quais desses instrumentos didáticos você mais procura utilizar em suas aulas?

( ) O Livro didático            ( ) Data Show            ( ) Tablet

( ) Laboratório de informática e acesso a internet

( ) Outros \_\_\_\_\_

11. Alguma vez já participou de algum curso de formação continuada sobre o uso de TICs?

( ) SIM, Quantas \_\_\_\_\_            ( ) NÃO

12. O que o professor pode fazer para despertar a atenção do educando no ensino de geografia?

13. De que forma você analisa o seu domínio com os recursos tecnológicos?

( ) Excelente            ( ) Bom            ( ) Regular            ( ) Péssimo

14. Sua escola oferece acesso a recursos tecnológicos para diversificar sua metodologia de ensino?

(    ) SIM

(    ) NÃO

(    ) NÃO SEI

15. Em sua opinião, a escola está preparada para receber os recursos tecnológicos e melhorar o desenvolvimento educacional?

---

---

---

Assinatura do entrevistado